



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RELATOS DA HISTÓRIA DA LUTA SINDICAL DOCENTE NO CONTEXTO BURGUESES MILITAR EM PARNAÍBA – PI (1964-1985)

Elisângela Maria Ricardo

Roberto Kennedy Gomes Franco

*Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH. Universidade da Integração internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira. mis_elis@hotmail.com*

*Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – MIH. Universidade da Integração internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira. kennedyfranco@hotmail.com*

Resumo: O presente artigo trata-se de parte de uma entrevista realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí na qual aprofundamos o debate em torno da formação política docente no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Estado do Piauí. Na ocasião obtivemos um relato oral de uma das principais protagonistas da luta sindical docente contra os desmandos governamentais impostos após o golpe civil militar em abril de 1964, a professora e implantadora de uma sede do SINTE na cidade de Parnaíba-PI, Maria de Jesus Fontenele. Utilizamos como abordagem metodológica os pressupostos da pesquisa qualitativa, mediante o arcabouço teórico do materialismo histórico dialético, na qual efetuamos como coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, acreditando que desta maneira poderíamos contrapor os documentos encontrados mediante a pesquisa bibliografia com a narrativa daquelas que fizeram e fazem parte da história como de fato ela é, na perspectiva da classe trabalhadora e não apenas a história oficial registrada pela burguesia. Durante a entrevista podemos observar inúmeras histórias que se entrecruzaram, por esse motivo viemos através deste artigo salientar mediante os dados coletados a luta sindical docente para obter melhorias a categoria e consequentemente a educação do Estado do Piauí, durante um período controverso e muito conturbado na política, na economia, em todos os âmbitos sociais. Um período que suprimia e tentava calar a voz daqueles que eram contrários aos intentos da ditadura civil militar imposta após o golpe em 1964, que perdurou até 1985, submetendo-os a opressão psicológicas e físicas, mediante torturas.

Palavras-chave: luta sindical, ditadura civil militar, educação.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de parte de uma entrevista realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí na qual aprofundamos o debate em torno da formação política docente no Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Estado do Piauí. Na ocasião obtivemos um relato oral de uma das principais protagonistas da luta sindical docente contra os desmandos governamentais impostos após o golpe civil militar em abril de 1964, a professora e implantadora de uma sede do SINTE na cidade de Parnaíba-PI, Maria de Jesus Fontenele.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Durante a entrevista podemos observar inúmeras histórias que se entrecruzaram, por esse motivo viemos através deste artigo salientar mediante os dados coletados a luta sindical docente para obter melhorias a categoria e conseqüentemente a educação do Estado do Piauí, durante um período controverso e muito conturbado na política, na economia, em todos os âmbitos sociais. Um período que suprimia e tentava calar a voz daqueles que eram contrários a seus intentos, os submetendo a opressão psicológicas e físicas, mediante torturas.

Pontuamos que a análise de uma entrevista de uma pessoa que vivenciou de perto as implicações deste período conturbado da história brasileira, faz com que possamos após mais de cinquenta anos ter uma visão clara dos acontecimentos que marcaram a história do país e até os dias atuais se refletem em vários âmbitos, não somente na política, mas principalmente na educação. Por esse motivo acreditamos que este artigo tem fundamental importância para aqueles que desejam conhecer as implicações do regime civil militar para além da visão burguesa capitalista e para além das grandes cidades. Olhando para o interior de um país, especificamente Parnaíba no Estado do Piauí, que mesmo estando distante da capital Teresina e de outras grandes cidades nordestinas, brasileiras, teve muita importância no cenário de lutas contra os poderes ditatórias, através da resistência de pessoas como a professora Fontenele.

O objetivo que norteou nosso trabalho foi o relato oral da história do SINTE e da educação em Parnaíba-PI, mesmo diante da opressão e imposições da ditadura, como de fato aconteceu. Pautada pela classe trabalhadora que muitas vezes foi suprimida na história oficial. Neste artigo, procuramos abordar a entrevista como ponto chave para abrangência de uma discussão plural e interdisciplinar sobre as implicações da ditadura na vida cotidiana dos trabalhadores da educação que na época ainda lutavam para implantação de uma sede do SINTE no município de Parnaíba e que em nenhum momento deixaram de acreditar nos ideais que perseguiram.

2. METODOLOGIA

Uma pesquisa qualitativa que “objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los (CHIZZOTTI, 2001, p.104).” Fundamentada pelo arcabouço teórico metodológico do método dialético, para melhor aprofundamento e análise dos dados. Na qual Chizzotti (2001) enfatiza

que:



[...] insiste na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo de conhecimento. Não se detém, como os interacionistas e etnometodólogos, no vivido e nas significações subjetiva dos autores sociais. Valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens. O pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais (CHIZZOTTI, 2001, p. 80).

A escolha do método dialético favoreceu a interação, possibilitou observar as contradições e oportunizou uma abertura mais significativa à coleta de dados, fazendo com que o ato de pesquisar se tornasse prazeroso e fornecesse um respaldo expressivo para a investigação. procedimentos metodológicos. Empregamos inicialmente com o auxílio teórico do método dialético, empregamos inicialmente como procedimento metodológico os elementos das pesquisas bibliográficas e documentais por compreendermos que através destas teríamos o aprofundamento da temática proposta. De acordo com Lakatos (2006, p. 185) a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc.” Nas quais Ludke e André (1986, p. 38) enaltecem a legitimidade da análise documental como sendo uma “técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Logo após utilizamos como coleta de dados as entrevistas semi estruturadas, por acreditar que através desta poderíamos obter um maior envolvimento com os autores pesquisados, podendo observar de perto as suas atitudes no decorrer de cada entrevista, nas quais os autores Ludke e André afirmam que:

[...] permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem – feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza complexas e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial [...] o que a torna particularmente útil, atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.34).

De acordo com os autores a entrevista é um ótimo instrumento de coleta de dados, porque pode ser direcionada a qualquer pessoa e permite



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

um contato direto entre o pesquisador e o entrevistado, facilitando a análise de seu comportamento perante os questionamentos abordados. Vale ressaltar que durante a pesquisa efetuamos algumas entrevistas entre estas, com as responsáveis/ diretoria do SINTE no ano de 2013 e uma significativa entrevista com a ex-presidente e fundadora do SINTE na cidade de Parnaíba Piauí, na qual iremos abordar nesse artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como salientamos nossa pesquisa foi realizada mediante uma entrevista com a fundadora do SINTE na cidade de Parnaíba, professora Maria de Jesus Fontenele, em sua residência na mesma cidade em maio de 2013. Na ocasião procuramos a professora Fontenele com objetivo claro de averiguar a formação política dos filiados ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Estado do Piauí – SINTE. Porém, ao ouvi-la descobrimos que sua formação política foi forjada no fogo de um regime que assolou o país entre os anos de 1964 a 1985, a ditadura civil militar. É importante destacar que o período que antecede o Golpe de 1964, entre os anos de 1945 a 1964 foi um importante momento para o movimento operário brasileiro. O golpe Militar veio justamente para barrar o crescimento desse movimento e banir os principais líderes sindicais. Neste período além dos sindicalistas, os estudantes e professores também foram protagonistas da luta contra o regime e sofreram as mesmas perseguições que os líderes sindicais. Isso não foi diferente na região litorânea do Piauí.

Oriunda da cidade de Cocal, Estado do Piauí, a professora Maria de Jesus Fontenele começou sua carreira assim que se formou no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Parnaíba no ano de 1969. Em 1975 filiou-se ao SINTE, que na ocasião era denominado de Associação dos Professores do Estado do Piauí- APEP. Desde então passou a lutar pela implantação de um núcleo Regional da APEP na cidade de Parnaíba, que nesta época possuía apenas uma Associação de Professores denominada – APP.

Segundo seu relato, a APP possuía uma sede onde hoje é a Casa dos Professores no Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira da Universidade Estadual do Piauí- UESPI, e era dirigida por representantes do estado nas quais as relações e interesses eram comprometidos pelos ditames do governo militar que regia a cidade naquele momento histórico. Esse motivo a impulsionou a lutar pela classe e a buscar ajuda na APEP trazendo-a para cidade de Parnaíba e sendo sua representante legal.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A “jovem professorinha de Cocal”, como era chamada pejorativamente por uma família de políticos muito influentes em Parnaíba, começou sua luta visitando de casa em casa todos os professores da cidade para que se filiassem a Associação- APEP. Conseguiu apoio de grande parte da população, apesar de viver em pleno regime militar e ser constantemente perseguida. Um destes apoios foi justamente do presidente do Diretório Acadêmico 3 de Março da Universidade Federal do Piauí- UFPI e do presidente da Associação Colegial dos Estudantes de Parnaíba- ACEP.

Com o apoio dos estudantes do ensino médio que na época eram denominados de colegiais e dos universitários, garantiu uma luta acirrada contra os desmandos do regime militar, tornando-se inimiga de uma influente família de políticos que passou a persegui-la. Por volta de 1977, estando à mesma como diretora de uma instituição de ensino, foi lhe imposto que fornecesse os dados dos demais funcionários da escola, juntamente com o partido político as quais pertenciam e a garantia de que todos votassem a favor dos candidatos do governo. Mas como se recusou, reforçando sua opinião de que todos eram livres para votar em quem quisessem e que jamais iria enviar documento algum para o governo relatando os nomes e partidos dos que trabalhavam na escola, foi demitida e passou a militar ainda mais em favor da classe trabalhadora.

Alguns dias depois, na tentativa de intimidar os professores, um destes políticos influentes dessa família à qual nos referimos acima, falou à população durante um comício, as seguintes palavras, descritas pela professora Jesus Fontenele. Segundo a mesma o tal político disse:

Professores, mesmo que vocês sejam concursados, vocês devem respeitar o governo. E essa professora de Cocal está fazendo uma campanha contra o governo. – “Eu não estava fazendo uma campanha contra o governo, mas estava fazendo uma campanha em favor da classe, mas eles diziam que era contra o governo, porque tinha professores atrelados ao governo”. Essa professora está levando os professores para o lado do mal. E vocês professores abram os olhos, porque vocês poderão ser prejudicados. Se vocês andarem com a professora de Cocal, se vocês frequentarem aquela associaçãozinha daquela professorinha. Vocês sofrerão as consequências, porque a professora de Cocal é subversiva!(FONTENELE, maio 2013).

Em seu relato, Jesus Fontenele reforça que nunca conseguiu esquecer essas palavras, e com gestos demonstrou como este político gritava ao dizer a palavra subversiva e batia os braços. Com essa atitude tentava quebrar o vínculo que a mesma possuía com os professores. Porém, nos dias seguintes muitos destes procuraram ela para relatar o corrido, achando que ela não havia escutado. Enfatizavam a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

intensidade das palavras “vocês se afastem dela” e o ódio com que estas eram proferidas.

No mesmo comício, esse político também disse que a professora andava “rua acima rua abaixo” com outra educadora na garupa de sua “cinquentinha”, uma motocicleta da época. A professora de Cocal nos relatou que essa professora que era muito sua amiga, deixou de andar com ela, pois ficou com muito medo do que eles poderiam fazer. Inclusive em vários momentos nossa entrevistada a militante e primeira presidente da APEP, nos relatou que os professores tinham muito medo de perder seus empregos, por isso não frequentavam a sede da Associação, a procuravam em sua casa, na maior parte em horários noturnos, para não serem vistos com a mesma. Até para receber a contribuição sindical, ela tinha que ir de casa em casa ou nos colégios em que estes trabalhavam, pois eles não iam à associação efetuar o pagamento, tudo por causa do medo.

No dia seguinte ao comício, a primeira presidente da APEP, nos descreveu que foi para rádio dizer aos professores que não tivessem medo, pois “o que toda população havia ouvido naquele comício era um desrespeito à classe”, já que a mesma era a representante da APEP dos professores de Parnaíba então todos também estavam sendo desrespeitados. Nessa ocasião ela também disse à população através da rádio que estava com um mandato de segurança contra o governo do estado, para garantir os direitos que lhes foram tirados, apesar de ter estudado, ter feito concurso, foi demitida. Relatou que estava lutando para readquirir os seus direitos e por isso eles a chamavam de subversiva. “Se lutar pelos meus direitos é subverter a ordem do país, então nesse caso eu sou subversiva”. Com essas palavras ela encerrou seu discurso na rádio.

No decorrer de sua narrativa dos fatos históricos vivenciados, a primeira presidente da APEP hoje denominado Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Estado do Piauí- SINTE nos falou de um grande movimento que efetuou juntamente com os estudantes colegiais, os universitários e alguns professores, na Praça da Graça na cidade de Parnaíba. Na ocasião juntou-se com seus aliados o presidente do Diretório Acadêmico 3 de Março da Universidade Federal do Piauí- UFPI e o presidente da Associação Colegial dos Estudantes de Parnaíba – ACEP.

Unidos, foram em busca de um carro e de um som para chamar os professores para um movimento na Praça da Graça. Ao conseguir emprestado de uma amiga em comum, saíram pelas ruas da cidade convocando todos os professores para comparecerem às 17:00 horas na praça, para que pudessem discorrer sobre os problemas da categoria. No entanto, quando chegaram à Rua Coronel Lucas, foram subitamente fechados pelo carro da polícia que desceram armados e pediram para que parassem, pois



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estavam fazendo barulho. Só que naquela ocasião também estava ocorrendo à campanha eleitoral e o barulho era muito maior do que estes estavam fazendo, relatou a presidente. Tendo o carro apreendido, foram submetidos a recorrer a um homem de grande influência que lhes emprestou dinheiro para aluguel de outro carro. Resumindo, eles não se intimidaram e as 17:00 horas a praça da Graça estava completamente lotada por estudantes, universitários, alguns corajosos professores e a população parnaibana em peso.

Quando os mesmos pegaram o microfone em cima de um palanque improvisado sobre o mesmo carro de som que serviu para convidar a população, os políticos ficaram de braços cruzados em frente ao carro e os camburões da polícia apostos logo atrás da população. A presidente da APEP narrou que estava tremendo de medo com toda a situação, foi quando seu companheiro de luta o presidente do D.A 3 de Março lhe perguntou:

- Você continua com esse papel (o discurso). Eu disse sim continuo (relatou a mesma). Ele disse: Você vai presa. – Se eu for presa você vai comigo para delegacia, dentro do camburão? “Eu tinha medo, estava com as pernas tremendo” – Sim. – Então eu continuo. (FONTENELE, maio, 2013).

Depois da iniciativa desta jovem militante o presidente do DA 3 de março começou o seu discurso e sem temer o que poderia acontecer disse a todos sobre as perseguições a que fora acometido pelo regime militar e tudo que havia perdido. Nossa entrevistada narrou que nunca esqueceu as palavras daquele jovem quando disse: “Prefiro ser engaiolado do que ficar de joelhos de frente aos covardes”. Ele tinha perdido tudo e constantemente recebia ameaça de ser preso.

Em seguida, o presidente da ACEP tomou a palavra e por fim a professora Fontenele. Ela leu seu discurso escrito em um pequeno papel, mas não se restringiu ao mesmo, e acabou falando bem mais do que estava programado, tudo debaixo dos olhos atentos dos políticos bem a sua frente. Estes com os braços cruzados, olhares altivos, faziam de tudo para intimidar os militantes, mas não conseguiram. Fontenele descreveu que enquanto falava a população presente gritava e aplaudia.

Então ela parava de falar, pois achava que poderia não ser ouvida por causa do barulho que faziam. Pedia silêncio e continuava inflamadamente a proferir seu discurso acusando o governo de perseguição e por acarretar vários prejuízos à classe trabalhadora da educação e a própria educação parnaibana.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Narrou que apenas não foram presos no termino do discurso, porque foram literalmente carregados nos braços pela multidão alvoroçada, enquanto os políticos se retiravam, mas a polícia mantinha seus olhos atentos a tudo que acontecia. Não foram presos devido ao grande número de civis que se encontravam na praça.

A professora Fontenele ressalta que começou sua militância em 1974, mas somente em 1980 conseguiu realmente implantar uma sede do SINTE em Parnaíba. E devido as crescentes perseguições, apenas em 1982 ocorreu a primeira eleição na qual, depois de muita luta, foi eleita a primeira presidente do sindicato.

4. CONCLUSÕES

Estes acontecimentos narrados pela Professora Maria de Jesus Fontenele são uma pequena parte da entrevista completa que nos concedeu em meados de 2013. Mas somente com esta parte podemos averiguar quanto à luta sindical docente foi acirrada e obteve em partes, êxito no seu procedimento de implantação de um novo sindicato que veio a abranger toda categoria dos trabalhadores da educação do Estado do Piauí.

Podemos constatar mediante este relato oral de Fontenele que a educação passou por um período de grande turbulência, devido à influência política que afligia os profissionais, não apenas dentro dos moldes da educação, pedagogicamente falando, mas também enquanto sujeitos livres que deveriam ter seus direitos garantidos pela constituição, principalmente a da livre opção política, sendo esta partidária ou não. Mas como sabemos bem, foram instituídos muitos atos durante a ditadura para reprimir não apenas a categoria dos trabalhadores da educação, mas toda a população brasileira, para que todos se enquadrassem nos moldes do regime.

A luta sindical docente especificamente no SINTE passou por inúmeras transformações desde sua implementação até os dias atuais. Muitos foram seus dirigentes, e muitos são os profissionais filiados ao mesmo. No ano de 2012 tinham cerca de 25.581 filiados, em suas 28 unidades distribuídas em todo Estado do Piauí. Porém, mesmo sendo um grande sindicato não tem mais a mesma garra e autonomia que outrora vivenciou diante de um período conturbado da política brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FONTENELE, Maria de Jesus. Primeira Presidente da APEP. Gestão 1980-1986. **Entrevista.** Parnaíba, maio, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 6.ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação:** abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.